

LEGALIDADE E TERRA PARA OS CAMPONESES QUE TRABALHAM

Na sessão final do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, o deputado Francisco Juliano proferiu o seguinte discurso, que publicamos à base de notas do serviço de taquigrafia do Congresso:

As minhas primeiras palavras são uma homenagem póstuma a todos os bravos camponeses do Brasil que tombaram nas imensas terras da pátria, vítimas da fome e da crueldade do latifúndio.

Sr. Presidente da República, sr. primeiro-ministro Tancredo Neves, sr. governador do Estado de Minas Gerais, sr. vice-governador do Estado, srs. deputados federais, sr. prefeito de Belo Horizonte, srs. deputados estaduais, demais autoridades presentes, sra. Maria Prestes Maia, srs. delegados do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, estudantes, operários, povo desta gloriosa cidade. Meus amigos, meus companheiros de jornada das Ligas Camponesas do Nordeste do Brasil. Diante de um espetáculo como este em que o povo mais humilde e mais espoliado da pátria, o camponês sem terra, se defronta com os mais altos poderes da República, no instante em que se encerra o I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, diante desse espetáculo, nós podemos afirmar sem medo - e a história o confirmará - que teremos já e já uma reforma agrária radical para os camponeses do Brasil.

Diante desse estuário imenso que hoje defrontamos, diante dessa multidão incalculável que aqui se comprime e que aqui veio para estreitar suas mãos e dizer aos camponeses do Brasil inteiro que o homem da cidade, o operário, os trabalhadores das fábricas, os estudantes, a classe média que se proletariza rapidamente em nosso país, que todos que têm ainda uma parcela de patriotismo e que trazem na sua consciência um compromisso de salvar a pátria, diante desse espetáculo, quem pode por em dúvida que já existe no Brasil a unidade indestrutível dos seus trabalhadores que lutam por reformas de base, que não fiquem no papel, que não durmam nas gavetas, mas que se transformem em realidade para que o povo não tenha de fazer com as suas próprias mãos a reforma agrária?

De conferência em conferência, de congresso em congresso, através do Brasil, desde o Pará até o Rio Grande do Sul, os camponeses se congregaram, se uniram, e hoje vieram dizer, em Belo Horizonte, que todos eles têm um compromisso de vida ou morte com a nossa pátria. Esse compromisso é o de salvá-la da ignomínia, do aviltamento em que ela se encontra, espoliada pelos inimigos de fora que nos esbulham pela frente e pelos latifundiários que aqui dentro nos esbulham pelas costas.

Aqui estamos realizando pacificamente, em ambiente democrático, dentro das garantias constitucionais, uma luta pela verdadeira legalidade. E legalidade é terra para os camponeses trabalhadores. Legalidade é reforma do ensino para que os estudantes brasileiros possam estudar. Legalidade é o controle dos lucros das empresas

estrangeiras. Legalidade é a defesa intransigente dos nossos minérios para que possamos construir o futuro de nossa pátria. Legalidade é a ampliação do direito de greve. É essa a legalidade que desejamos, já e já, porque sem isso, 75% das terras brasileiras continuarão nas mãos de 8% de brasileiros, o que é uma calamidade. Sem isso, 30 milhões de camponeses continuarão sem calçados porque não há fábricas de calçados e não há fábricas de calçados porque não há reforma agrária. Sem isso, de cada 100 crianças que nascem no Nordeste brasileiro, ali onde foram plantadas as raízes da nacionalidade, morrem 70 crianças de 0 a 1 ano, mostrando que isso não é mais mortalidade mas mortandade, é assassinato em massa de crianças em nossa pátria.

Sem isso nós não temos direito de levantar as nossas vistas para o pavilhão nacional.

Sem isso nós temos constrangimento de cantar o Hino Nacional.

Sem isso não podemos redimir o sangue de Tiradentes espartilhado em Minas Gerais.

É por causa disso que o Brasil de hoje se levanta e não se limita apenas a pensar, mas a dizer que, ou nós faremos as reformas indispensáveis à emancipação econômica da pátria, ou a omissão dos que nos governam, a omissão das elites, pode levar o país à revolução.

Nós, que estamos empenhados nessa luta gloriosa consideramos esta causa maior que a abolição dos escravos, maior que a luta pela solução estatal do petróleo. Se nós não tivéssemos a intenção e o firme desejo de obter amanhã, se possível - nunca, nunca, depois de amanhã - essa reforma agrária, nós não estaríamos pacificamente, democraticamente, realizando este Congresso, que não é apenas uma demonstração da unidade e da força dos camponeses brasileiros mas também é uma advertência, talvez a última advertência!

Reconhecemos a corajosa atitude demonstrada pelo presidente da República, dr. João Goulart, e pelo governador Magalhães Pinto, que vieram a este Congresso para o qual foram convidados e aqui estão sendo recebidos pelos camponeses do Brasil, sob palmas. Essa corajosa atitude, vencendo resistências, sobrepondo-se aos obstáculos, é um sinal de que eles estão sentindo também que esta não é a hora dos exploradores mas a hora dos explorados.

O século passado foi o século da afirmação da classe operária. Este século é o da afirmação da massa camponesa.

Toda a América Latina está inquieta porque 2/3 de sua população vivem em regime semifeudal, tratados não como seres humanos mas como párias, como bichos. Esses 2/3 carregam nos seus ombros o peso de suas pátrias. Se não fora a brutal espoliação do povo de Cuba, não existiria um Fidel Castro. Não queremos para nossa pátria os fuzilamentos de Cuba mas queremos para o Brasil as reformas de Fidel Castro. Quero aproveitar este instante para pedir o beneplácito deste Congresso no sentido da aprovação de um documento que vou ler:

"Neste Congresso manifestarm-se as vozes mais autorizadas em favor da aliança operário, camponesa e estudantil. Na verdade, a ação unitária das classes que são as verdadeiras forças reprodutoras do Brasil, representa uma necessidade imposta por um momento histórico da nossa pátria. Somente as massas trabalhadoras que em punham a enxada, o martelo e o livro estão em condições de resolver os graves problemas da nação brasileira. Portanto, para que a aliança operário-camponesa-estudantil passe imediatamente da fase agitativa para a organização, proponho que este Congresso Nacional de Camponeses vote uma resolução convocando para Goiânia, em data a ser fixada, o I Congresso Nacional de Operários, Camponeses e Estudantes. Sugiro a capital de Goiás para sede do Congresso como uma homenagem aos bravos lutadores do Brasil central e na certeza de que o governador Mauro Borges dará todo o apoio a essa iniciativa das classes trabalhadoras de nosso país. Proponho ainda que se constitua aqui a comissão organizadora do Congresso com a participação de líderes operários, camponeses e estudantes. Finalmente, para que aprendamos a confiar em nossas próprias forças, proponho ao plenário que aprove um veemente apelo aos operários, camponeses e estudantes de todo o Brasil no sentido de que façam a doação de um dia de salário para atender às despesas do Congresso.

Sr. Presidente da República, nós todos temos a consciência de que o Brasil atravessa a hora mais grave de toda a sua história. Mas temos também a certeza de que despertaram aquelas forças que se encontravam adormecidas. E, porque despertaram, é inútil que se pense que não confiam nas instituições vigentes, porque se alguém tentar cercear as liberdades públicas, ferir a Constituição e levar o país a um regime de exceção, o povo poderá levar o Brasil à guerra civil. Já que o Congresso Nacional pode realizar o milagre de em 24 horas mudar um regime, esperamos que esse mesmo Congresso Nacional realize mais um milagre dentro desse prazo - o da reforma agrária!